

A Rússia e a guerra como continuação da política por outros meios

A Europa tinha-se destruído pela guerra e ideologias totalitárias na primeira metade do século XX, mas depois pacificou-se pela democracia liberal, pelo comércio e pela economia de mercado.

José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 7 de Março de 2022

1. Ainda estamos sob efeito de choque. A forma como a Rússia invadiu a Ucrânia não cabia no nosso quadro mental de ocidentais do século XXI. Estávamos habituados à evolução e progresso humano e ao não-retorno da história aos seus momentos mais trágicos e cruéis. Era um passado encerrado. Todavia, pela mão da Rússia, [a guerra regressou de forma brutal e crua à Europa](#) do século XXI. Regressou tal como Clausewitz a teorizou em inícios do século XIX: a guerra “é simplesmente a continuação da política por outros meios. Usamos deliberadamente a frase ‘por outros meios’ porque queremos deixar claro que a guerra em si mesma não suspende o processo político ou transforma-o em algo completamente diferente na sua essência. No essencial, esse processo continua independentemente dos meios que emprega. As linhas principais ao longo das quais os eventos militares progridem, estando por estas limitados, são linhas políticas que continuam através da guerra até à subsequente paz. Como poderia ser de outra forma?” (Carl von Clausewitz, *On War*, trad. ing., Alfred A. Knopf-Random House, 1993 p. 731).

2. Até 24 de Fevereiro de 2022 poucos acreditariam seriamente que o dito de Clausewitz — a guerra “é a continuação da política por outros meios” — explicaria o desencadear da maior [operação militar na Europa após a II Guerra Mundial](#). Nos estudos estratégico-militares ocidentais, o general prussiano era visto como um pensador que teorizou de forma brilhante a guerra, mas num contexto ultrapassado do qual os Estados contemporâneos se tinham afastado. Afinal, o recurso à guerra fora banido pelo Direito Internacional e pela [Carta das Nações Unidas](#), com excepção do direito de legítima defesa, individual ou colectiva do artigo 51.º. Nos governos nacionais, os ministérios da guerra passaram a ministérios da defesa. Assim, no Ocidente, a única discussão séria sobre a admissibilidade da guerra estava ligada a imperativos humanitários de protecção de minorias e limpezas étnicas, como na [Bósnia ou no Kosovo](#) nos anos 1990. É verdade que, para os críticos, sempre foi vista como uma hipocrisia para o Ocidente avançar com os seus interesses e se arrogar o direito de intervir noutros Estados. Seja como for, quase todo o quadro político e intelectual estava impregnado da ideia de que a guerra, à maneira Clausewitziana, era passado, apesar de persistirem guerras no Cáucaso, no Médio Oriente, ou em partes de África. Todavia essas eram áreas periféricas, zonas desafortunadas do mundo onde a [paz perpétua de Kant](#) ainda não tinha chegado, mas chegaria quando seguissem o exemplo europeu, voluntariamente (ou, em certos casos, à força). A Europa tinha-se destruído pela guerra e ideologias totalitárias na primeira metade do século XX, mas depois pacificou-se pela democracia liberal, pelo comércio e pela economia de mercado. A formação das Comunidades

Europeias no pós-II Guerra Mundial — hoje União Europeia — era o “fim da história”. O resto do mundo seguiria igual percurso mais à frente.

3. A Rússia de [Vladimir Putin](#) obriga a olhar o passado e a repensar o futuro. Mas esse exercício não pode ser feito sem se questionar o que parecia adquirido até agora. Tal como o fim da Guerra Fria atirou muitas teorias políticas (que pareciam irrepreensíveis) para o caixote do lixo da história, entramos numa nova fase onde isso provavelmente irá acontecer de novo. Uma pergunta (e dúvida angustiante) surge inevitavelmente: qual a melhor grelha de leitura para o mundo do século XXI: o panfleto idealista e normativo de Immanuel Kant sobre a paz perpétua de 1795, a qual inspirou profundamente as democracias liberais, a União Europeia e o Direito Internacional Humanitário; ou a já referida teorização da estratégia militar feita por [Carl von Clausewitz](#) e publicada em 1832, que explica a guerra como um normal instrumento dos Estados para atingirem objectivos políticos, sem considerações éticas e jurídicas? No caso da Rússia, há uma profunda ironia face às políticas que prossegue, uma espécie de antítese Clausewitziana da paz perpétua de Kant. Mas a terra onde Kant viveu — Königsberg, a antiga capital da Prússia Oriental —, é a actual [Kaliningrado](#), situada entre a Polónia e a Lituânia, um território da União Soviética/Federação Russa desde o fim da II Guerra Mundial. Se a Rússia absorveu esse território, o mesmo não ocorreu de todo com as ideias kantianas. Para além da ironia, há um amargo choque de realidade para os ocidentais: as ideias políticas que se habituaram a ver como boas (ou más) não garantem a compreensão de um mundo cada vez menos euro ocidental.

4. O regresso da guerra como um instrumento para atingir objectivos de política externa, tal como teorizou Clausewitz no século XIX, traz um enorme risco para a Europa e para o mundo do século XXI. O poder destrutivo dos equipamentos militares convencionais e das novas ciberarmas — e o poder ainda mais destrutivo das inúmeras armas nucleares — não se compara com o que existia na época de Clausewitz. Uma longa era de paz fez-nos esquecer que, o recurso à guerra para atingir objectivos de política externa, poderia ressurgir mais à frente. Fez-nos também esquecer a [estratégia de dissuasão nuclear da Guerra Fria](#), conhecida por *mutual assured destruction* (MAD), ou equilíbrio do terror. A Rússia encarregou-se de nos lembrar todo esse passado. Ameaçou retaliar sobre quem interviesse, incluindo com meios nucleares, após iniciar a invasão da Ucrânia. Um *bluff*? Provavelmente, mas é uma ameaça tão poderosa e aterradora que não pode ser subestimada. Nunca poderemos ter uma garantia absoluta sobre esse não uso. Com a sua política externa saída de um manual de estratégia militar do século XIX, mas com as terríveis e sofisticadas armas do século XXI, Vladimir Putin está a reverter aquilo que Mikhail Gorbatchev aceitou, sem fazer guerra, após a [queda do Muro de Berlim](#). Nessa altura, três Estados foram decisivos para fazer ruir a União Soviética em finais de 1991: ironicamente, um foi a própria Rússia devido à ambição de poder de Boris Ieltsin; os outros foram a Ucrânia (Leonid Kravchuk) e a Bielorrússia (Stanislav Shushkevitch). Para reerguer de novo a Federação Russa como grande potência mundial, Vladimir Putin quer reunir essas três componentes sob o poder russo — já tem a Bielorrússia, falta agora a Ucrânia.

5. Parece claro que o objectivo da política externa Clausewitziana da Rússia é obrigar a Ucrânia a ficar dentro da sua esfera de influência, fechando a porta da NATO e provavelmente a da União Europeia também. Todavia, não há nesse Estado vizinho uma versão de [Alexander Lukashenko](#) (o Presidente da Bielorrússia) para instalar facilmente no poder. A alternativa é uma continuidade da presença militar da Rússia nesse território, passando de Estado invasor a ocupante em permanência. É um desfecho possível, mas terá custos políticos e económicos muitos elevados devido à resistência dos ucranianos e à determinação do Ocidente em aplicar fortes sanções económicas, financeiras e políticas, cujo grau de eficácia tende a aumentar com o tempo. Caso a guerra e/ou a ocupação se prolonguem, o Governo de Vladimir Putin e a população russa irão pagar um preço muito elevado. Por isso, um outro desfecho possível é a Rússia passar de um objectivo de controlo político directo para uma “Finlandização” da Ucrânia. No passado, a Finlândia foi uma zona tampão entre os impérios da Suécia e da Rússia, sendo incorporada no Império Russo em inícios do século XIX. Na altura da I Guerra Mundial, após a revolução de Outubro de 1917, aproveitou a fraqueza do Estado russo e declarou a independência. Na II Guerra Mundial os soviéticos procuraram recuperar essa perda com uma invasão. Após uma guerra onde começaram mal e com pesadas baixas, acabaram por impor o seu poderio militar e obter concessões territoriais. Para não ser incorporada à força como os Bálticos, a Finlândia seguiu a via de uma neutralidade permeável ao interesse russo. Será esse passado, que julgávamos uma página virada da história, o único futuro possível da Ucrânia?

<https://www.publico.pt/2022/03/07/mundo/analise/russia-guerra-continuacao-politica-meios-1997779>